

Empresários prevêem crescimento em 96

Empresas de consultoria dizem que o desemprego é o principal problema do próximo ano

DENISE NEUMANN

O Brasil vai continuar crescendo em 1996. Nos próximos 16 meses, a economia andará como se estivesse em um tobogã: o nível de atividade voltará a crescer até o final de 1995, entrará em 96 com retração e taxas de variação negativa e voltará a crescer no segundo semestre. Os empresários esperam um crescimento de 5% no Produto Interno Bruto (PIB) e as projeções de quatro consultorias econômicas convergem para um cenário positivo mas menos eufórico e com crescimento entre 2% e 3%.

O grande nó da economia brasileira em 1996 será o nível de emprego. Nenhuma das qua-

tro consultorias acredita em crescimento do nível de emprego ou mesmo na recuperação dos 112 mil postos de trabalho fechados pela indústria paulista desde maio passado. Flávio Nolasco, economista

chefe da Brasilpar Administração de Recursos, lembra que o governo, ao optar pela recessão para consertar a balança comercial, sinalizou às empresas que é necessário ganhar produtividade. "A busca de ganhos reais de produtividade vai provocar um aumento da taxa de desemprego industrial", analisa. Para Nolasco, o dilema do desemprego é estrutural e incomodará durante todo o governo de Fernando Henrique Cardoso.

"Os novos investimentos industriais são de capital intensivo e não de trabalho intensivo", observa Luiz Fernando Lopes, da MCM Consultores. "A estabilidade e a abertura econômica estão expondo a indústria brasileira à competição internacional", acrescenta Odair Abate, economista do Lloyds Bank. Conseqüentemente, analisa, o processo de ajuste leva as empresas a trocar mão-de-obra por tecnologias modernas. "Es-

se dilema não é só do Brasil, mas mundial", pondera Lopes, da MCM.

Para José Augusto Savasini, da Rosenberg & Associados, o final de 1995 ainda será marcado pela "quebradeira" de muitas empresas e este fechamento de companhias vai provocar aumento da taxa de desemprego. A responsabilidade, avalia ele, é das altas taxas de juros. "Taxas como as atuais podem ser mantidas por seis meses, mais do que isso vira um grande problema".

Além do fechamento futuro de postos de trabalho, Savasini olha com apreensão os dados atuais. Para ele, setembro é fundamental. Nesta segunda-feira a Fiesp divulga o primeiro dado semanal do mês. "Se o dado der zero, é ruim, mas se for negativo será um desastre", diz, ponderando que setembro é um mês em que normalmente o emprego cresce. Se a indústria não contratar agora para o final de ano, não o fará nos próximos meses.

INFLAÇÃO
ANUAL DEVE
VARIAR ENTRE
15% E 20%

Crescimento —

O ano de 1996 terá um comportamento inverso ao de 1995: começará ruim, com queda na produção e nas vendas. Depois, a partir de maio e junho retomará o crescimento

de forma mais sustentada, prevêem os consultores. As previsões de crescimento do PIB variam de 2% a 4% em 1996, mas concentram-se mais próximas de 2%. Para 1997, a aposta é de volta as taxas anuais de 5%.

As taxas menores são explicadas pela perspectiva de queda na safra agrícola. Nolasco lembra que a agricultura representa entre 10% e 11% do PIB nacional. A queda estimada em 10% representará 1% de variação negativa no PIB. O crescimento também será menor pela perda na massa de salários reais.

O crescimento será puxado pelas indústrias de bens de consumo (automóveis e eletroeletrônicos), de alimentos, informática e os setores que hoje estão nas mãos do Estado, como energia elétrica, telecomunicações e transportes, observa Lopes, da MCM Consultores. Serviços e turismo devem crescer acima da média.

Maurilo Claret/AE



Savasini: altas taxas de juros vão levar muitas empresas à "quebradeira" ainda em 1995